

Informação e Comunicação: as duas faces de Jano

Armando Malheiro da Silva
CETAC.COM/FLUP

Resumo

Neste artigo segue-se uma trajetória que vai das análise etimológica e conceptual até a uma indagação epistemológica exploratória do posicionamento da Ciência da Informação face às denominadas Ciências da Comunicação. Pretende-se, também, elencá-las com algum rigor e determinar os contornos do seu objecto, com temas, problemas e situações de estudo, partilháveis ou não pela C.I. A averiguação desta eventual partilha de um objecto comum convoca conceitos indispensáveis como o de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade e conduz à proposta de que as Ciências da Comunicação constituem uma interdisciplina para o qual o contributo construtivo da C.I. se revela natural e fecundo.

Palavras-chave:

Informação; Comunicação; Ciência da Informação; Ciências da Comunicação; Interdisciplina.

Abstract

In this article we follow a trajectory that goes from a conceptual and etymological analysis until an epistemological quest that explores the position of the Information Science in the presence of the so called Communication Sciences. We wish also to list and determine with some rigour the shapes of the I.S. objects, with themes, problems and case studies, shared or not by the C.S. The enquiry of the eventual allotment of a common object, between the two sciences, brings to light indispensable concepts as multidisciplinary, interdisciplinarity and transdisciplinarity and leads to the proposal that the Communication Sciences constitutes an interdiscipline to witch the constructive contribute of the I.S. reveal itself natural and fecund.

Key-words:

Information; Communication; Information Science; Communication Science; Interdiscipline.

1. Traçar e seguir um rumo...

Considerado um dos maiores deuses do Panteão romano, exibindo até uma certa preeminência sobre Júpiter, o deus supremo, Jano *teria abordado a Itália com uma frota e ter-se-ia estabelecido no Lácio, onde terá fundado uma cidade que tomou dele o nome de Janículo, teria reinado sobre o Lácio e acolhido Saturno, expulso pelos deuses. Para lhe agradecer, Saturno teria dado a Jano o dom da "dupla ciência", a do passado e a do futuro, mito que os Romanos*

*manifestaram representando Jano com duas faces voltadas em sentido contrário*¹.

Jano aparece no *Dicionário dos Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant como o *Deus ambivalente de dois rostos contrapostos, de origem indo-europeia, um dos deuses mais antigos de Roma. De deus dos deuses, criador bonacheirão, transformou-se em deus das transições e das passagens, assinalando a evolução do passado para o futuro, de um estado a outro, de uma visão a outra, de um universo a outro, deus das portas (...) Guardiã das portas, que ele abre e fecha, tem por atributo a varinha do porteiro e a chave. O seu duplo rosto significa que ele vigia tanto as entradas como as saídas, que ele tanto olha para o interior como para o exterior, para direita e para a esquerda, para a frente e para trás, para cima e para baixo, a favor e contra*².

Esta incursão pela mitologia romana, alegórica ou simbólica, tem aplicação directa ao tema em foco e, especialmente, ao rumo expositivo e demonstrativo que nos propomos traçar neste artigo. Um rumo que convoca, de imediato, duas premissas de base: a diferença e a complementaridade. E ainda uma outra premissa importante: há um antes e um depois; dois rostos contrapostos, achando-se um voltado para trás e outro para a frente... Um olha para o antes e o outro para o depois; um olha para o interior e o outro para o exterior... Enfim, um corresponde ao termo Informação e o outro ao termo Comunicação. Esta correspondência semântica exige que os termos envolvidos apareçam com uma conotação clara; apareçam associados a um bem sucedido esforço conceptual. Imperativo compreensível, mas difícil de concretizar, porque há uma "névoa"

¹ SCHMIDT, Joel – *Dicionário de mitologia grega e romana*. Lisboa: Edições 70, 1994. ISBN 972-44-0894-9. p. 159.

² CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997. ISBN 972-42-1559-8. p. 382.

espessa de diferentes acepções e perspectivas vinculadas a interesses e práticas profissionais consolidadas na sociedade.

Penetrando na "névoa", nada mais imediato e óbvio que trazer à colação, como primeiro passo no rumo traçado, o contributo etimológico e os sentidos compilados nos Dicionários da língua portuguesa. Assim, o *Dicionário Houaiss*, no verbete *Informação*, fixa um leque variado de significações de que destacamos as seguintes:

ÁREA OU DOMÍNIO DE USO	SENTIDOS OU ACEPÇÕES
Etimológico (do latim)	acção de formar, de fazer, fabricação; esboço, desenho, plano; ideia, concepção; formação, forma
Geral ou comum	acto ou efeito de informar(-se)
Idem	comunicação ou recepção de um conhecimento ou juízo
Idem	o conhecimento obtido por meio de investigação ou instrução; esclarecimento, explicação, indicação, comunicação, informe
Idem	conjunto de actividades que têm por objectivo a colecta, o tratamento e a difusão de notícias junto ao público
Idem	acontecimento ou facto de interesse geral tornado do conhecimento público ao ser divulgado pelos meios de comunicação; notícia
Idem	conjunto de conhecimentos reunidos sobre determinado assunto
Burocracia	esclarecimento processual dado geralmente por funcionário de apoio à autoridade competente na solução ou despacho de requerimento, comunicação, etc.
Idem	informe escrito, relatório

Em complemento aos sentidos e às acepções destacadas convém ainda referir que na área das telecomunicações (por influência directa da *Mathematical Theory of Communication* de Claude Shannon e Warren Weaver³) significa a quantidade numérica que mede a incerteza do resultado de uma experiência a realizar-se e a medida quantitativa do conteúdo da informação. Em informática é a mensagem susceptível de ser tratada pelos meios informáticos e o conteúdo dessa mensagem; é a interpretação ou significado dos dados; e é o produto do processamento dos dados. Como substantivo derivado do verbo informar traz em si o sentido de dar forma a uma matéria. E no respectivo verbete é apontada a sinonímia com instruir e prevenir⁴.

Estende-se para o dobro do tamanho o verbete dedicado, no mesmo *Dicionário*, ao termo *Comunicação*, pelo que nos limitaremos ao seguinte destaque:

ÁREA OU DOMÍNIO DE USO	SENTIDOS OU ACEPÇÕES
Etimológico (do latim)	acção de comunicar, de partilhar, de dividir
Geral ou comum	acto ou efeito de comunicar(-se)
Idem	acção de transmitir uma mensagem e, eventualmente, receber outra mensagem como resposta
Comunicação	processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão, etc.) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificados na

³ SHANNON, Claude; WEAVER, Warren – *The Mathematical theory of communication*. Illinois: University of Illinois Press, 1949.

⁴ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles – *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, tomo 4. Lisboa: Cículo de Leitores, 2003. ISBN 972-42-2809-6. p. 2094-2095.

	fonte e descodificadas no destino com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, iconográficos, gestuais, etc.
Por metonímica	a informação transmitida; o seu conteúdo
Idem	actividade profissional relacionada com o estudo ou com a aplicação desses conhecimentos, técnicas e procedimentos
Idem	comunicado esclarecedor; esclarecimento; exposição
Idem	acto de conversar; conversação; colóquio
Idem	carta, nota ou qualquer outra informação transmitida por escrito; comunicado
Idem	exposição, oral ou escrita, sobre determinado tema de teor científico, administrativo, político, jornalístico, religioso, etc.
Idem	participação oral ou escrita; aviso
Por extensão	habilidade de dialogar e se fazer entender; comunicabilidade

Ao elenco de significações realçadas podemos acrescentar mais um punhado sugestivo de sentidos em diferentes modalidades e áreas de uso. No plano administrativo, e dentro de uma organização, comunicar é a função de transmitir ordens, ideias, políticas de acção, etc. Em Engenharia electrotécnica é a ciência e tecnologia por meio da qual a informação de uma fonte original é reunida, transformada em correntes ou campos eléctricos, transmitida por meio de redes eléctricas ou pelo espaço a determinado local, e reconvertida numa forma adequada à sua interpretação. Em Física (mecânica) é a transmissão de uma força, de um lugar para outro, sem transporte de material, transmissão. E em Linguística é o intercâmbio que se processa, por meio de um código linguístico, entre um emissor, que produz um enunciado, e o interlocutor ao qual esse enunciado é dirigido. Podemos, também, referir a existência de definições ou

remissivas para os seguintes tipos de comunicação: administrativa; analógica; de massas; de retorno; digital; dirigida; empresarial; externa; humana; institucional; interna: não verbal; processual; social⁵; e verbal; visual.

Se tomarmos como indicador ou critério fiável os sentidos decorrentes da raiz etimológica das palavras é possível isolar em um e no outro conjunto de acepções ou sentidos expostos, unidades semânticas com contornos claros que nos permitem avançar um pouco mais no rumo em vista.

No que respeita aos termos *Informar* e *Informação* ressalta a matriz dar forma, que Fernand Terrou enfatizou, logo no início da Introdução (com o subtítulo *Information et Communication*) do livro *L'Information: Celui-ci exprime essentiellement l'idée de mise en forme. En est issu le sens de mise au courant — la mise en forme étant faite en vue d'une mise au courant*⁶. E daí a derivação generalizada, a partir de oitocentos, e consagrada no “linguajar” comum e quotidiano de “dar forma” às notícias, “pôr ao corrente”, actualizar, dizer o que se está a passar connosco e à nossa volta. O citado Terrou dedicou, por isso, a primeira parte do dito livrinho, da famosa colecção *Que sais-je?*, a uma retrospectiva histórica da Imprensa no Mundo ocidental, desde as origens até aos inícios de oitenta do séc. XX, incluindo na resenha, inevitavelmente, os poderosos meios modernos da Rádio e da Televisão. E encerrou-o, olhando brevemente o futuro: *S'impose donc la recherche constante de nouvelles formules institutionnelles de conciliation entre la sauvegarde de la liberté individuelle d'expression et l'aménagement*

⁵ Apresenta três sentidos, sendo o 3º forma de comunicação dirigida a um grupo de pessoas numericamente vasto, disperso, heterogéneo e anónimo, e que utiliza, para atingir a sua audiência, aparelhos e dispositivos de edição, reprodução, transmissão, distribuição e comercialização das mensagens; comunicação de massas (Cf. HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles – *Op. cit.*, tomo 2, p. 1013).

⁶ TERROU, Fernand – *L'Information*. 8^{ème} éd. revue par Pierre Albert. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. (Col. *Que sais-je?*). ISBN 2-13-045018-0. p. 3.

*collectif des moyens d'information*⁷. Terrou usa, do princípio ao fim, a sinonímia para consagrar Informação como Imprensa, Jornalismo escrito e audio-visual, conteúdos comunicados para um público vasto e disperso. É, obviamente, uma conotação demasiado estreita ou reduzida⁸, tanto que quase anula a matriz original do “dar forma” a algo, acima enfatizada...

No caso de privilegiarmos o enfoque na acção humana (e não, como Shannon e Weaver, na medição matemática de sinais físicos) só pode ser “dar forma” a “mentefactos”, ou seja, a “objectos” mentais, representações mentais de coisas, situações, ocorrências externas e vivências interiores conscientes, emocionais, etc. E sendo esta a acepção que, aqui, mais se impõe, torna-se inevitável frisar o sentido “primeiro” fixado no *Dicionário de Ciências da Comunicação* deste termo: *Processo de troca de ideias, mensagens ou informações, através da fala, de sinais, de escrita ou de comportamento. Sistema para enviar e receber mensagens*⁹.

A incursão etimológica serve para consubstanciar o simbolismo de Jano na dupla condição humana de “dar forma” e de “troca de ideias, mensagens”, o que estabelece, de imediato, uma estreita correlação, sem determinismo causal – “dar forma” a ideias, a mensagens possibilita, como factor *sina qua non*, a troca interpessoal dessas mesmas ideias e mensagens, mas não inevitavelmente. A troca de mensagens ou de conteúdos (o resultado psíquico e social da acção de “dar forma” ou informar), entre um emissor e um destinatário através de um canal, precisa de requisitos próprios para acontecer e só então há plena comunicação, considerada, expressamente por John Fiske, *central para a vida da nossa cultura*:

⁷ Ibidem, p. 121.

⁸ Na área da comunicação social e das *ciências da comunicação* estão dicionarizados diferentes tipos de Informação: descritiva; de sinal; expressiva; factual; jornalística; semântica; social; e útil (Ver *Dicionário de ciências da comunicação*. Porto: Porto Editora, 2000. ISBN 972-0-05274-0, p. 129-130).

⁹ *Dicionário de ciências da comunicação*, ob. cit., p. 52.

*sem ela, toda e qualquer cultura morrerá. Consequentemente, o estudo da comunicação implica o estudo da cultura na qual ela se integra*¹⁰.

A partir daqui podemos explorar um vasto campo de questões e perspectivas, exercício feito numa versão mais desenvolvida deste texto a editar em livro, e avançar para apresentação de uma escolha aberta e clara de rumo, que vem a seguir.

2. A escolha de um rumo

Avancemos, pois, com a questão das questões que paira explícita ou implicitamente desde o início: qual o referente dos dois termos e conceitos etimologicamente desvelados e usados por diferentes autores e tendências? a que "algo" se reportam eles?

A questão das questões convoca-nos para uma resposta esboçada neste item e no seguinte. Uma resposta condicionada directamente por três pressupostos que convém assumir:

- a atenção e a busca de inteligibilidade e de compreensão centra-se no ser humano e nas suas manifestações simbólicas e materiais dentro do eixo crucial formado pela interacção sujeito (ser biopsíquico) ↔ meio (geo-sócio-cultural) e pela dinâmica da vida colectiva ou em grupo (a permanente e conflitante demarcação e interligação com o outro);
- a noção de fenómeno é basilar para darmos concretude e condições de cognoscibilidade àquilo que o cérebro humano produz

¹⁰ FISKE, John – *Introdução ao estudo da comunicação*. 8ª ed. Porto: Edições Asa, 2004. ISBN 972-41-1133-4. p. 14.

- e é passível de ser emitido para outros cérebros (também humanos¹¹), que recebem e reformulam o que fora emitido;
- corresponde à ou incide sobre a realidade¹² humana e social a (re)construção do objecto de estudo (científico), passível de ser designado pelos dois termos/conceitos em foco, sendo que o de informação é retido, aqui, na acepção cognitivista e social de dar forma a emoções e a ideias surgidas no decurso da relação dialéctica do ser humano com o ambiente, desde o berço até à tumba (rejeita-se o sentido redutor de informação igual a notícia ou igual a acumulação de notícias e de registos externos ao eu/sujeito, uma vez que para designar isto temos a noção de documentação, associada, por alguns, ao 3º Mundo de Karl Popper¹³).

A respeito do primeiro pressuposto inspira-nos a curiosa frase escrita, em 1838, por Charles Darwin no seu caderno de notas e que antes inspirara já Gerald M. Edelman, neurocientista e Prémio Nobel em 1972¹⁴: *Provada agora a origem do homem — a metafísica tem*

¹¹ Fascina-nos a possibilidade de concretização de dois dos mais antigos sonhos do homem: *comunicar com animais e com extraterrestres. No que diz respeito aos animais veremos que se fizeram progressos muito interessantes (sem se voltar a cair no erro em que se caiu com Hans) em relação à elaboração de linguagens que tanto os animais como os seres humanos podem partilhar* (Ibidem, p. 134). No entanto, não incluímos, para já e por uma opção estratégia de abordagem, na agenda epistemológica da Ciência da Informação, este interessante e desafiante tópico.

¹² Paul WATZLAWICK teve necessidade de clarificar e distinguir dois aspectos daquilo a que chamamos realidade: *O primeiro tem a ver com as propriedades puramente físicas e objectivamente discerníveis das coisas, e está intimamente ligado a uma percepção sensorial, senso comum ou verificação objectiva, repetível e científica. O segundo aspecto é a atribuição de significado e valor a essas coisas, e que se baseia na comunicação* (Idem – *A Realidade é real?* Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1991. ISBN 972-708-140-1. p. 127). É no primeiro sentido que a estamos a usar.

¹³ MIRANDA, António – A Ciência da Informação e a teoria do conhecimento objectivo: um relacionamento necessário. In AQUINO, Mirian de Albuquerque, org. - *Campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. ISBN 85-237-0336-5. p. 9-24.

¹⁴ EDELMAN, Gerald M. – *Mais vasta do que o céu: o dom fenomenal da consciência*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2005. ISBN 972-708-836-8. p. 20.

de florescer— aquele que compreender o babuíno fará mais pela metafísica do que Locke. Esta frase guiou Edelman no propósito de apresentar uma teoria biológica da consciência¹⁵ com as provas que a apoiem. Guia-nos, também, no propósito de remetermos para uma função complementar e não central a erudição filosófica, que se pode evocar a respeito de uma variedade imensa de problemáticas, incluindo a que nos ocupa aqui. Não se ignora a "cartografia" lógica, gnoseológica e ontológica do mistério da essência e da existência humanas feita e legada pela filosofia — seria, no mínimo, estultícia fazê-lo, tanto mais que vimos assistindo a uma incidência interessante da abordagem filosófica sobre o impacto social e humano das TIC com relevo para os trabalhos de Luciano Floridi¹⁶ —, mas continuamos a dar, na fase delicada de revisão crítica e consolidação dos fundamentos teórico-metodológicos da Ciência da Informação em cuja elaboração estamos empenhados, a primazia ao contributo científico, com destaque para o das Ciências Sociais e Humanas, que opera com ferramentas e metas próprias, sem deixar de convergir para esse "mapa" fundamental.

Ao assentarmos na direcção apontada privilegiamos tudo quanto as Neurociências integradas¹⁷ possam ir esclarecendo sobre a

¹⁵ William James, citado por Edelman, sublinhou que a consciência acontece apenas no indivíduo (ou seja, é privada ou subjectiva), parece ser contínua, embora continuamente em mudança, tem intencionalidade (um termo que, em geral, se refere a coisas) e não esgota todos os aspectos das coisas ou das ocorrências a que se reporta (Ibidem, p. 24).

¹⁶ Ver <http://www.wolfson.ox.ac.uk/~floridi/> FLORIDI, Luciano (ed.) – *The Blackwell guide to the philosophy of computing and information* Malden/EUA; Oxford/UK: Blackwell Publishing, data ISBN 0-631-22918-3. Ver ainda ILHARCO, Fernando – *Filosofia da informação: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003. ISBN 972-54-0068-2. Contributo diferente dos destes autores, embora convirja para o mesmo empenho em convocar a Filosofia é o de CHIROLLET, Jean-Claude – *Filosofia e sociedade da informação: para uma filosofia fractalista*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. ISBN 972-771-475-1.

¹⁷ Trata-se de um campo mais vasto onde cabem as Neurociências cognitivas. Ver JEANNEROD, Marc – *Neurosciences cognitives*. In TIBERGHIE, Guy (dir.) – *Dictionnaire des sciences cognitives*. Paris: Armand Colin; VUEF, 2002. ISBN 2-200-26247-7. p. 199-202. Ver também obrigatoriamente os três livros de António

natureza biológica ou natural¹⁸ da consciência, do pensamento, da concepção e eventual expressão artística das impressões, sensações e emoções, podendo esta capacidade ser subsumida pela designação convencional de linguagem (ou linguagens verbal, escrita, gestual, fílmica, etc.), e da troca, o mais sintonizada possível, de mensagens entre os seres/sujeitos. Um caminho de pesquisa e exploração que entronca seguramente na síntese do biológico com o sócio-cultural de que Albert Vendel terá sido o pioneiro como Jacques Ruffié deixou consagrado no *Avant-propos* do seu volumoso *De la biologie à la culture*¹⁹. E Ruffié, depois de ter respondido à questão *qual foi o modo de expressão da primeira linguagem hominídea?*²⁰, não hesitou em explicar que a *linguagem (la langage) permet de communiquer et de transmettre la technologie avec précision, rapidité, efficacité. Il fait passer l'expérience du plan individuel au plan collectif infiniment mieux que ne ferait la simple imitation. Il diffuse la connaissance à un grand nombre de sujets, et dans un temps très court. Il y a donc permis, au cours de générations, de fixer le patrimoine culturel et de l'accroître, chaque nouvelle découverte venant s'inclure dans la*

DAMÁSIO com tradução em português – *O Erro de Descartes, O Sentimento de si e Ao Encontro de Espinosa*.

¹⁸ Jean-François Le Ny empregou o adjectivo relativamente à cognição, dizendo *Parler de "cognition naturelle", c'est ainsi constater qu'il existe, dans un fragment de l'univers - les cerveaux des animaux les plus évolués, et surtout des êtres humains - une fonction, au sens biologique du terme, qui a pour effet produire de la connaissance et de l'utiliser. Le "cognition" désigne conjointement cette fonction et les contenus qu'elle élabore. Une hypothèse optimiste ajoute que cet équipement cérébral, qui assure conjointement les interactions des individus avec le réel physique, et entre les individus eux-mêmes, ainsi que la transmission des représentations par le langage et à travers l'histoire, permet une augmentation cumulative des connaissances* (Idem – *Cognition*. In *Ibidem*, p. 71).

¹⁹ RUFFIÉ, Jacques – *De la biologie à la culture*. Paris: Flammarion, 1976. ISBN 2-08-211109-1.

²⁰ É categórica a sua resposta-síntese: *Bref, les chérèmes (gestes sémantiques) auraient été les premiers symboles des concepts, et c'est dans le geste, plutôt que dans la parole, qu'il faudrait rechercher l'origine lointaine du langage conceptuel du type humain (...). Mais c'est seulement lorsque l'organisation anatomique du cerveau humain a atteint une certaine complexité que la matrice neurophysique commandant le langage a pu passer de l'expression optique (gestuelle) à l'expression phonétique (parlée)* (*Ibidem*, p. 351).

*masse des connaissances, en "boule de neige"*²¹. A linguagem permite comunicar e transmitir conhecimento e cultura. Trata-se de uma faculdade humana que representa uma vantagem selectiva importante (selecção natural) e que consistiu no desenvolvimento *dans une voie originale et particulièrement favorable, d'une fonction pré-existante*²². No sentido em que Ruffié a usa, ela se aproxima muito de (quase se confunde com) língua, e não abarca outras funções que com ela se relacionam ou que ela estimulou como o pensamento, a memória, a inteligência. Mas é evidente que entre o inato e sua topologia (o cérebro é o topos central) de onde a linguagem emerge e a respectiva modelagem sócio-cultural e ambiental (o adquirido) operada pela comunicação há um campo complexo e fascinante que nos aparece com maior ou menos nitidez, maior ou menor ocultação.

O que nos aparece... Entra, aqui, a explicação do segundo pressuposto e o ensejo de confirmarmos a utilidade do contributo filosófico para o esforço de cientificação, assumido como prioritário na nossa estratégia de (re)construção da C.I.

Derivado do grego, fenómeno significa, literalmente, o que aparece, podendo equivaler a "aparência". E de acordo com esta acepção etimológica vários filósofos entenderam por ou com este termo aquilo que parece ser, tal como realmente se manifesta, mas que pode ser qualquer coisa diferente e até oposta. Mas nem todos partilharam este entendimento, pelo que o conceito de fenómeno é extremamente equívoco. Em síntese, podem ser recenseadas várias posições: (a) posição exclusiva do em si (Parménides); (b) posição exclusiva do fenómeno (Berkeley); (c) o em si e o fenómeno existem separadamente e entre eles não há senão o nada (Parménides e sua doutrina da opinião); (d) o em si e o fenómeno estão unidos pelo

²¹ Ibidem, p. 355.

²² Ibidem, p. 355.

demiurgo (Platão); (e) divisão do em si numa multiplicidade (Demócrito); e (f) afirmação do em si e simultânea afirmação da sua incognoscibilidade teórica (Kant). Para Kant o fenómeno não é um aparecer, mas sim algo distinto quer do em si, quer da mera aparência, constituindo o objecto da experiência possível diante do que é simples aparência ilusória e do que se encontra para além dessa mesma experiência. Este sentido kantiano subjaz ao uso que o conceito tem tido no discurso científico. E qual a possível influência de Husserl e da sua fenomenologia? O ponto de partida husserliano consistiu em alcançar um método (propondo a fenomenologia como tal) e não um "modo de ver", conseguido pela depuração do psicologismo e pelo distanciamento face aos actos empíricos do mundo natural e a um suposto mundo inteligível de carácter metafísico: *Não há conteúdos de consciência, mas unicamente "fenómenos". A fenomenologia é uma pura descrição do que se mostra por si mesmo de acordo com "o princípio dos princípios": reconhecer que "toda a intuição primordial é uma fonte legítima de conhecimento, que tudo o que se apresenta por si mesmo 'na intuição' (e, por assim dizer, em 'pessoa') deve ser aceite simplesmente como o que se oferece e tal como se oferece, embora apenas dentro dos limites nos quais se apresenta*²³.

É Kant e não tanto Husserl quem reaparece claramente na acepção 4 do verbete fenómeno do *Dicionário Houaiss: o objecto do conhecimento não em si mesmo, mas sempre na relação que estabelece com o sujeito humano que o conhece, e portanto captado segundo a perspectiva das formas a priori de intuição (espaço e tempo) e categorias inatas do intelecto*. Se destacamos esta acepção é porque sem ela seria ingénuo e infrutífera, no âmbito da epistemologia das Ciências Sociais e Humanas, a acepção 2 do

²³ FERRATER MORA, José – *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977. p. 159.

mesmo *Dicionário: facto ou evento de interesse científico, que pode ser descrito e explicado cientificamente*²⁴.

O sujeito em C.I. que investiga e tenta compreender e explicar vai até onde pode ir, isto é, vai até ao fenómeno (que tem interesse e é passível de ser objectivado) sem a veleidade de o captar como algo externo, autêntico e independente do acto de conhecer/investigar/explicar, mas que, não obstante isto, mantém existência própria e alheia à vontade do sujeito/cientista social.

Chegamos ao terceiro e último pressuposto.

Precisamos de delimitar o nosso objecto científico ou esquematizar, dentro dele, o fenómeno até onde conseguimos ir. Michel Foucault no décimo e último capítulo de *As Palavras e as coisas* aponta o sítio das Ciências Humanas nas *vizinhanças, nas fronteiras imediatas e em toda a extensão dessas ciências que estudam a vida, o trabalho e a linguagem*. Ciências que, apesar dessa proximidade, não podem substituir-se às Humanas. É que o objecto destas não se apresenta como um funcionamento biológico, sendo antes o reverso, a marca interior. E um exemplo, entre outros, mediatiza melhor a explicação: *a procura das ligações intracorticais entre os diferentes centros de integração da linguagem (auditivos, visuais, motores) não é da alçada das ciências humanas; mas estas encontrarão o seu espaço de jogo desde que se interrogue esse espaço de palavras, essa presença ou esse esquecimento do sentido delas, essa distância entre o que se pretende dizer e a articulação em que esse objecto se investe, e de que o sujeito talvez não tenha consciência, mas que não teriam nenhum modo de ser determinável se esse mesmo sujeito não formasse representações*²⁵. Foucault ajuda-nos a operar a formulação do que é possível estudar

²⁴ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles – *Op. cit.*, tomo 3, p. 1720.

²⁵ FOUCAULT, Michel — *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Lisboa: Portugália Editora, [s.d.], p. 457.

cientificamente dentro e fora da massa corpórea humana a que se alude no pressuposto primeiro e se retoma no terceiro, em que estamos.

O objecto da C.I. é a informação, que, em rigor, é algo a que o termo/conceito corresponde ou significa. Esse algo remete, necessariamente, para *fenómeno*, na acepção aceite e temperada supra. Remissiva não abstracta e vaga, que vincula claramente o fenómeno radicado na natureza e comportamento do ser humano em interacção consigo, com seus semelhantes e com tudo o que o rodeia e estimula/impressiona. A função interactiva torna, por si só, obrigatório que se convoque, também, o conceito comunicação para se completar a descrição genérica do fenómeno e permitir a sua esquematização como núcleo central do objecto científico em que optamos investir. No entanto, convém, desde já, observar a larga abrangência do fenómeno que se perspectiva. Convém, ainda, frisar que o acto de objectivação, tal como se pratica nas Ciências Humanas e Sociais, impõe contornos mais precisos e estreitos, assinala múltiplas vizinhanças e interconexões. Ocorre uma espécie de filtragem e acondicionamento fenoménico num formato delimitado pela óptica do que a C.I. quer ser (do nosso ponto de vista) e não, obviamente, do que ela foi ou ainda é para vários autores e escolas.

A pluralidade de prismas é uma condição ínsita ao figurino da Ciência Moderna e é, particularmente, vital e natural nas Ciências Sociais, obrigando a uma adaptação do conceito operatório de paradigma introduzido por Tomas Khun.

A abordagem científica do social e do humano suporta bem a coexistência prolongada de diferentes modos de ver (perspectivar o exercício da cientificidade e o respectivo objecto), de diferentes paradigmas, podendo a regra reguladora desta coexistência consistir na busca de uma síntese e não na substituição exclusivista e conflitante de um paradigma por outro. E quando ocorre a

prevalência efectiva de um paradigma ou dos seus principais traços constitutivos, isso resulta mais da forma eficaz como ele emerge ou converge com uma *práxis*, do que da aferição lógica ou demonstrativa dos potenciais melhores resultados que ele, previsivelmente, proporciona, no plano teórico, ou seja, no espaço circular dos "colégios invisíveis", das reuniões científicas, dos centros de pesquisa, dos circuitos editoriais e das salas de aula universitárias, em detrimento de outro(s) paradigma(s). No entanto, nem sempre o paradigma mais influente e decisivo (temporariamente verdadeiro) colhe aceitação ou consenso (e muitas vezes, começa, precisamente, por não colher) no plano teórico, o que remete para uma tradicional dificuldade de intervenção e interacção dos cientistas sociais (ou de certos segmentos desta "espécie") junto da(s) ou com a(s) comunidade(s) do seu tempo que justifica(m), em última análise, os projectos de pesquisa, de ensino e de escrita a que se devotam. Este aspecto suscita um rol de trajectórias pelos meandros incertos e aliciantes da epistemologia, onde se perfilam desafios de análise como o do papel incontornável da subjectividade na "oficina" do cientista social, do significado operativo ou operacional de verdade para todas as Ciências Sociais e Humanas e para cada uma delas em particular, das fronteiras e conexões entre senso comum e programa científico, das diferentes e específicas condições que justificam/convocam a inter, a pluri e a transdisciplinaridade, etc.

Trajectórias alheias às possibilidades concretas deste excursivo discursivo, que pede, agora, um *finale*, ainda que saudavelmente provisório e incipiente...

3. Implicações epistemológicas

Em estudos precedentes há elementos bastantes para se compreender o desafio epistemológico posto à C.I., que deriva

bastante do peso da actividade profissional criada pela metamorfose *política pública* de equipamentos, serviços ou instituições (designadas hoje de culturais) condensáveis nesta tríade: Biblioteca - Centro de Documentação - Arquivo.

As exigências e os progressivos aperfeiçoamentos, no plano do fazer melhor (mais claro, mais rápido, mais apelativo ao "cliente"), impeliram a actividade/profissão de quem opera e assume responsabilidades directivas e comunicativas nessas instituições da Modernidade a buscar um estatuto credível e passível de um estimável reconhecimento social (e sócio-económico), que o qualificativo de científico ao longo do séc. XX tornou claro e seguro. Mas... Esse qualificativo encerra, para o período mencionado, uma inevitável tensão entre ciências duras (exactas e naturais) e moles (sociais e humanas) e uma imagem diferenciada, aos olhos da opinião pública, que desvaloriza a utilidade social (prática ou imediata no bem estar e na concretização das necessidades das pessoas no mundo de hoje) das segundas em relação às primeiras. Daí que para bibliotecários, documentalistas e arquivistas a adopção de um estatuto de cientificidade, credibilizador da sua dignidade profissional, só interessa se ele for forte, se ele proceder do lado da *hard science* do que da outra... No caso, por exemplo, dos arquivistas a sua tentativa para construir uma disciplina científica, mais autónoma da História (do que na origem dessa disciplina marcadamente auxiliar de Clio...) e do Direito ou da Administração, está eivada ou do positivismo mais puro e duro ou do relativismo ideológico que a faz pender para o lado das razões da pós-modernidade como os oprimidos, as vítimas do *apartheid*, das minorias, etc.

Não cabe aqui esmiuçar este importante tópico, mas a pretensa autonomização da Documentação face à Biblioteconomia no primeiro quartel de novecentos, em plena segunda vaga de industrialização, e na sequência do legado doutrinário e da acção inovadora dos belgas

Paul Otlet e Henri La Fontaine, o entusiasmo com que a bibliometria foi acolhida pelos profissionais da Documentação/Informação, sobretudo porque ela se propunha analisar globalmente, através de métodos estatísticos e matemáticos, os elementos de um *corpus* documental a fim de determinar as relações existentes entre esses elementos²⁶, ou ainda o impacto que a automação e, conseqüentemente, o desenvolvimento da informática e sua aplicação às múltiplas tarefas relacionadas com o armazenamento e recuperação da informação teve nos documentalistas a ponto de gerar, de novo, um impulso autonomista "profissional-disciplinar" consubstanciado na Ciência da Informação entendida como a disciplina que trata do uso da informação científica processada electronicamente... — todos estes aspectos confirmam, por um lado, o peso da prática documental (descrever, disponibilizar e guardar os documentos) nas aspirações científicas veiculadas através do esforço formativo, e, por outro, a oscilação entre um positivismo anacrônico e a difusa consolação com o estatuto de interdisciplina ou de Ciência para as Ciências. Significa isto que a Documentação ou a Ciência da Informação se constitui uma disciplina científica que prepara a informação para ser usada por quem dela precisa, ou seja, os cientistas, os empresários, os técnicos, os políticos e, naturalmente, o cidadão comum.

Um dos desafios epistemológicos que se coloca à C.I. em construção ou em emergência, entalada entre a prática instrumental e normativa e a dimensão científica (compreensiva e explicativa de problemas relacionados com determinado fenómeno), tem a ver precisamente com a natureza do conhecer que se pretende atingir. E isto traz com toda a força e nitidez a problemática referenciada pelos conceitos em foco - informação e comunicação.

²⁶ DUTHEUIL, Christian – Bibliométrie. In CACALY, Serge – *Dictionnaire encyclopédique de l'information et de la documentation*. Paris: Éditions Nathan, 1997. ISBN 2-09-190528-3. p. 72.

Se a C.I., como continua sendo a tendência geral, mesmo já com a adaptação às exigências pós-custodiais que as TIC vêm determinando, definir o seu objecto de estudo/conhecimento nos termos em que, por exemplo, Serge Cacaly apresenta a informação, num brevíssimo verbete do *Dictionnaire encyclopédique*, só o documento, através do qual ocorre, em diferido, a comunicação, preenche efectivamente esse objecto. Cacaly diz-nos que *L'information est la consignation de connaissances dans le but de leur transmission. Cette finalité implique que les connaissances soient inscrites sur un support, a fin d'être conservées, et codées, toute représentation du réel étant par nature symbolique. Cette notion sous-tend l'ensemble des articles de cet ouvrage*²⁷. O paradigma que corresponde a este tipo de construção ou formulação do objecto científico é, em nossa opinião, pré-científico, amarrado ainda à prática profissional de preparação da coisa documento (coisa física) para o seu eventual uso. Outro paradigma está a romper e vem rompendo pela via tecnológica (os efeitos no quotidiano do Mundo globalizado da *Sociedade da Informação* ou da *Sociedade em rede*) e pelas exigências de cientificidade sentida nos cursos de nível superior e, em paralelo, nos projectos de investigação.

O paradigma pós-custodial e científico é perceptível, apesar de algumas diferenças específicas de abordagem que nos separam, na afirmação lapidar de Yves Le Coadic: *Ce qui caractérise la science de l'information, c'est cette importante mutation épistémologique qui est à l'origine du passage de l'étude du document à l'étude de l'information*²⁸.

Uma passagem fundamental que traz consigo implicações na (re)formulação do objecto científico e no seu estudo. O documento terá de deixar de ser o alvo central e a meta última da investigação

²⁷ CACALY, Serge – Information. In *Ibidem*, p. 297.

²⁸ LE COADIC, Yves F. – Science de l'information. In *Ibidem*, p. 523.

em C.I., o que levará, também, a uma alteração substancial na atitude de conhecer o fazer e de fazer para conhecer dos diversos profissionais da informação. Em outro estudo tratamos mais detalhadamente o binómio documento - informação, pelo que, aqui, interessa retomar o documento como epifenómeno do fenómeno info-comunicacional, ou seja, o objecto da C.I. começa, fisicamente, no que aparece, na coisificação das ideias, das emoções e das situações concretas representadas por diferentes códigos (língua falada e escrita, números, desenho, imagens, música...), naquilo que é materialmente visível ou audível e partilhável por um número indeterminado de seres humanos e pode ser guardado e reutilizado hoje, amanhã e sempre — o documento. Começa, pois, necessariamente por aqui para agarrar o essencial: o conjunto estruturado de representações mentais (e emocionais) que são passíveis de serem comunicadas ou transmitidas, correspondendo esta actividade cognitiva e social a um processo dinâmico e multifactorial bastante complexo e, sem dúvida, decisivo quer na dimensão ontológica, quer na existencial e prática da condição humana.

É neste ponto que a parte inicial e absolutamente programática da definição repescada, em 1968, por Harold Boroko se torna imprescindível: *Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a optimização do acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação*²⁹.

O que acima ficou expresso sobre os pressupostos afecta, directamente, o (re)desenho do objecto da C.I., correspondendo o

²⁹ Cit. por SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – *Op. cit.*, p. 53.

conceito de informação, nesta perspectiva, à capacidade humana e social de representar e conhecer(-se a si mesmo e a) o Mundo, o que implica a interacção contínua (troca e transformação das representações). Interessa, pois, investigar como se produz, com que fim, quando e como, como se guarda, como se transmite, usa e transforma o fluxo humano e social de signos, de símbolos, de representações de todo o tipo. Através do conceito de informação o especialista em C.I. agrega todos as dimensões e segmentos simbólicos da actividade humana relacionando-os entre si: o texto literário e uma factura são mentefactos diferentes quanto ao que representam, mas constituem ambos o objecto de estudo de C.I. na relação íntima que têm com o respectivo contexto de produção e com as múltiplas e inusitadas condições de uso, reutilização e transformação. Subjaz a este objectivo epistémico o retorno ao enciclopedismo iluminista, mas retomado não em moldes filosóficos, utópicos ou políticos, antes em moldes, formalmente mais modestos, mas ainda assim fundamentais: compreender a actividade mental, emocional e criativa (simbólica) humanas como um todo (uma síntese antropológica) que se processa horizontalmente (produção, memorização, descarte, uso, transformação e recriação), o que implica o abandono, por exemplo, do preconceito culturalista que amarra os profissionais da informação a uma noção erudita, elitista e redutora de cultura (imaterial). Para a C.I. a promoção da leitura do livro (texto em suporte papel) só interessa como objecto científico se for estudada e compreendida junto com as (ou sem exclusão das) razões e condições (pessoais, sociais e tecnológicas) de consumo predominante de um ou de vários outros tipos informacionais (a música, conteúdos escritos e audiovisuais relativos a futebol ou ao desporto em geral, etc.), ou seja, a informação veiculada pela TV através dos seus programas ditos de entretenimento não é menos importante, no quadro da afirmação antropológica plena, que a

leitura privilegiada de romances maiores da literatura universal! Há, assim, uma multiplicidade de tipos informacionais produzidos e comunicados (emitidos por alguém e por um meio/canal, procurados, recebidos e assimilados por outrem e com recurso a algo) que emergem numa complexa e vasta trama dinâmica de interconexões, mutações e fragmentações estanques e que configuram, genericamente, o campo de problemas (objecto específico) da C.I.

Para cumprir o desafio epistemológico enunciado, a C.I. não precisa de ser vista, nem desenvolvida como uma interdisciplina³⁰ — categoria conceptual equívoca e assaz porosa —, podendo e devendo ser (re)construída e afirmada como disciplina científica fortalecida pela transdisciplinaridade (no sentido piagetiano³¹), enriquecida pela interdisciplinaridade e empenhada na multidisciplinaridade. Estas duas últimas posições são muito pertinentes porque é preciso clarificar como a C.I., sobretudo no âmbito geral das Ciências Sociais e Humanas, se relaciona com disciplinas do mesmo campo e até com outras de campos diferentes. E em particular como algumas dessas relações se fixam em torno do "estudo genérico da comunicação"...

³⁰ Por interdisciplinas *entendem-se as novas disciplinas que aparecem com autonomia académica a partir de 1940/50 e que surgem do cruzamento de várias disciplinas científicas com o campo industrial e organizacional, tais como as Relações Industriais e Organizacionais (disciplina que estuda o comportamento dos homens nas organizações em que eles trabalham), Psicologia Industrial (aptidões dos indivíduos, problemas ligados ao manuseamento de máquinas e relações interpessoais), Selecção e Formação Profissional (adaptação dos traços de personalidade às carreiras profissionais), Sociologia dos Pequenos Grupos (normas dos grupos de trabalho e questões de liderança), Sociologia das Organizações (inovação, mudanças e solução de conflitos nas organizações), etc.* (POMBO, Olga – *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004. ISBN 972-708-814-7. p. 76).

³¹ A citação que aqui importa destacar foi feita por Olga POMBO e colhida em Jean PIAGET: *Integração global das várias ciências. À etapa das relações interdisciplinares sucede-se uma etapa superior, que seria a transdisciplinaridade a qual não só atingiria as interações ou reciprocidades entre investigações especializadas, mas também situaria estas relações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. Tratar-se-ia de uma teoria geral de sistemas ou estruturas que incluiria estruturas operativas, estruturas regulatórias e sistemas probabilísticos e que uniria estas diversas possibilidades por meio de transformações reguladas e definidas (Piaget, 1972) (Ibidem, p. 170-171).*

No que toca à multidisciplinaridade e de acordo com as citações recolhidas por Olga Pombo sob o título *Para um vocabulário sobre Interdisciplinaridade*, incluído no final do seu livro, pode dizer-se que começa por uma justaposição de disciplinas diversa, às vezes sem relação aparente entre elas, que trocam pontualmente elementos entre si, sem que isso as afecte na sua estrutura identitária, mas pode evoluir para um estágio interdisciplinar quando as relações de interdependência entre as disciplinas ocorrem e consolidam-se, havendo, então, uma efectiva cooperação entre elas e uma afectação mútua³².

Entramos, assim, na interdisciplinaridade a respeito da qual Olga Pombo recenseou além da acepção geral, as seguintes variantes: auxiliar, complementar, compósita, estrutural, heterogénea, linear, restritiva e unificadora³³. Tomada em sentido geral são várias as definições de diferentes autores, mas parece-nos oportuno destacar, aqui, a de Palmade (1979): *Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber*³⁴. E a de Piaget (1972): *Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco*³⁵.

Este movimento interdisciplinar de intercâmbio e de integração enriquecedores surgiu, como mostra Olga Pombo no seu estudo monográfico, em reacção à exponencial multiplicação de especializações científicas, denunciada por Ortega y Gasset como a "barbárie do especialismo":

³² Ibidem, p. 169.

³³ Ibidem, p. 166-169.

³⁴ Cit. por Ibidem, p. 165.

³⁵ Cit. por Ibidem, p. 165.

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio, porque ignora formalmente tudo quanto não entra na sua especialidade; mas também não é um ignorante porque é um "homem de ciência" e conhece muito bem a sua pequeníssima parcela do Universo. Teremos que dizer que é um sábio-ignorante — coisa extremamente grave — pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio³⁶.

Uma reacção legítima e justificada, mas o uso e a prática do conceito sujeito a modas, contradições e extrapolações várias não tem tido vida fácil. Não obstante isso, Olga Pombo considera que *a ideia de interdisciplinaridade parece ser ainda necessária: Digamos que, apesar de todos os equívocos que rodeiam a sua utilização, a ideia da interdisciplinaridade aparece como uma virtualidade própria da condição paradoxal da modernidade*³⁷. Com efeito, o trabalho científico incorporou essa ideia como uma das suas determinações mais fundamentais, resultante do *desejo de alargar o conhecimento do Mundo e de aprofundara compreensão da Ciência na vida dos homens*³⁸, no entanto é preciso ter presente que o modelo interdisciplinar da unificação dos saberes tende a ser, também, fechamento redutor e nocivo. Mas é evidente, continuando a seguir a análise da mesma autora, que *a ciência faz da prática interdisciplinar o lugar da sua boa consciência, aquilo que lhe permite continuar no caminho da especialização sem temer pela fragmentação ou pela perda de inteligibilidade. Por outro lado, a interdisciplinaridade é*

³⁶ Cit. por Ibidem, p. 137.

³⁷ Ibidem, p. 159.

³⁸ Ibidem, p. 159.

*sempre um cruzamento disciplinar cauteloso. Os participantes não abdicam dos seus privilégios territoriais, das suas fronteiras disciplinares no interior das quais se sentem seguros de uma qualquer competência científica. Aceitam partilhar paradigmas, conceitos, metodologias, mas nunca ao ponto de diluir os objectos de que vivem*³⁹.

O que acaba de ser exposto sobre o modelo interdisciplinar mostra bem a importância que ele tem para a C.I. a ponto de lhe exigir que tire dele o máximo proveito e que não se conforme com a condição de interdisciplina, antes se assuma como disciplina científica avessa ao especialismo primário do qual uma coerente dinâmica transdisciplinar (envolvendo as disciplinas práticas matriciais Biblioteconomia, Documentação e Arquivística, e outras, aparentemente estranhas ou exógenas, como a Organização e Métodos e os Sistemas Tecnológicos de Informação) a ajudará a desviar-se. Aliás e como já atrás afloramos, a C.I. tem ao seu alcance uma estratégia epistemológica de superação daquilo que, em 1950, Lord C. P. Snow, de forma simplificada, designou por duas formas de cultura científica em ruptura e afastamento — as ciências da natureza *versus* as ciências do espírito. Radicando o seu objecto científico no fenómeno info-comunicacional (informação + comunicação) e fixando-o numa abordagem horizontal e transversal a toda a actividade humana e social, a C.I. ultrapassa o instrumentalismo documentalista ou arquivístico tradicional e investe na indagação compreensiva, bem frisada por Borko, numa sequência, só aparentemente linear, de fases ou etapas essenciais: *origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação* seja esta de

³⁹ Ibidem, p. 159-160.

que tipo for — de um poema a um *spot* publicitário, de uma artigo de Física a um ensaio de Filosofia.

O fortalecimento transdisciplinar liberta-a do perigoso especialismo tecnicista ou instrumental e confere-lhe um outro fôlego para as práticas interdisciplinares que se situam em dois níveis: um central ou nuclear e outro complementar.

A C.I., por causa do (re)desenho ou (re)formulação do seu objecto, precisa, em nível central ou nuclear, do contributo directo da Lógica e da Matemática, das Neurociências, da Cibernética, da Inteligência Artificial (com incidência na pesquisa avançada sobre a interacção homem - máquina), da Psicologia (com especial destaque para a Psicologia Cognitiva, a Psicolinguística, a Psicologia Social e a Psicologia da Comunicação), da Sociologia (das Organizações, da Cultura e da Comunicação), da Semiologia e da Medialogia (acha-se, neste elenco, o core das denominadas Ciências da Comunicação). O intercâmbio com estas disciplinas faz-se, na óptica da C.I., através da assimilação de resultados, metodologias e teorias que têm a ver directamente com o objecto info-comunicacional que a C.I. estuda nos moldes esquematizados na definição de Borko; e, em troca, essas disciplinas recebem o produto contínuo desta abordagem específica e, num plano mais aplicacional, lucram com os dispositivos que agilizam o fluxo informacional para proveito operacional de cada pessoa, grupo ou instituição que desenvolve Neurociência, Psicologia ou Sociologia.

Em nível complementar as práticas interdisciplinares da C.I. são com ciências que ajudam a contextualizar quer a informação produzida quer o correlativo processo comunicacional ou de recuperação/uso — a História, a Administração e o Direito, a Gestão e Economia e a Auditoria e Contabilidade. As questões relacionadas com a preservação do suporte material simples ou o dispositivo tecnológico de registo/processamento dos conteúdos (informação)

implicam relações com ciências naturais (Física e Química) e com a engenharia electrotécnica e informática.

Voltando, porém, ao nível central ou nuclear das práticas interdisciplinares da C.I. é imprescindível, aqui, enfatizar, tendo em conta o que ficou exposto e assumido sobre informação e comunicação, o papel que lhe cabe no espaço disciplinar constituído pelas Ciências da Comunicação (Sociologia, Semiótica, Psicologia e Informática, Inteligência Artificial e Multimédia), espaço passível de ser perspectivado como uma interdisciplina. Um papel ignorado pelos investigadores e académicos ligados à temática e à problemática da Comunicação Social, dos Mídia e Audiovisual, que têm, naturalmente, exercido uma hegemonia plena nessa difusa e instável interdisciplina. Podia, no entanto, ser outra e tem de ser outra a postura destes especialistas. Basta para tanto convocar, de novo, Bernard Miège com o seu estimulante *programa de trabalho para as ciências da informação e da comunicação*:

Evidentemente, tais propostas se tornaram possíveis pelos desenvolvimentos da informática que lhes servem de fundamento. Nos sistemas de inferência aperfeiçoados no âmbito da inteligência artificial, o objetivo exibido consiste em integrar os meios de percepção, comunicação e ação do operador humano com seu meio ambiente. Que a inteligência humana e, particularmente, os problemas mentais e os fenómenos simbólicos não possam ser decompostos, atualmente, em elementos que venham a ser duplicados por máquinas, não chega a incomodar a maioria dos especialistas de informática; a solução para essa dificuldade (momentânea!) será procurada por eles por meio do aprimoramento de programas de informática cada vez mais aperfeiçoados que integram competências profissionais, representações sociais e mentais, assim como práticas associadas à linguagem, de tal modo

que as diferenças em relação ao sistema humano sejam, progressivamente, reduzidas. Este procedimento totalmente pragmático, mas que se inscreve na linha do positivismo, deve ser criticado, principalmente do ponto de vista específico que é o das ciências da informação e da comunicação.

Nesse contexto, se fosse necessário delinear um programa de trabalho para as ciências da informação e da comunicação, seria interessante destacar, prioritariamente, os seguintes elementos:

- a articulação entre os dispositivos tecnológicos da comunicação e a produção das mensagens e do sentido;
- a "inserção social" das tecnologias e, particularmente, a atividade dos usuários-consumidores no aperfeiçoamento dos dispositivos;
- a atenção aos "procedimentos" de escrita das mensagens (icônicas, sonoras, gráficas...) e das condições que presidem sua concepção e realização;
- a dimensão sociológica, política e econômica das atividades informacionais e comunicacionais que dão lugar a inovações e experimentações de novos suportes;
- o estudo das mudanças ocorridas nos processos de mediação que, segundo é lembrado oportunamente por Bernard Lamizet, "tem como papel desencadear, no campo dos intercâmbios comunicacionais, relações e formas de comunicação que não se reduzam a formas intersubjetivas, mas que sejam formas acessíveis e abertas a todos". Em suma, a mediação tem por função evitar que, no campo social, se instaure uma lógica de relações de força⁴⁰.

⁴⁰ MIÈGE, Bernard – *Op. cit.*, p. 123-125.

A proposta de Miège, publicada em 1995, continua, quase onze anos depois, a fazer todo o sentido e a dar sentido ao campo das Ciências da Comunicação com a C.I. operando aí de forma aberta e intensa. Não custa, aliás, identificar, no programa proposto, os pontos mais fortes que correspondem ao objecto (re)formulado pela C.I. e consignado na definição programática de Borko, a saber: a articulação entre os meios tecnológicos de comunicação/interacção e a produção de sentido (mensagens, conteúdos...); a actividade dos utilizadores/consumidores e sua interferência/modelagem dos dispositivos tecnológicos de interacção/comunicação; e o contexto de produção da informação (escrita icónica, musical, gráfica, geométrica, etc.). Através deles e de outros pontos mais específicos, a C.I. pode e deve desenvolver e consolidar um contributo positivo e imprescindível ao desiderato de Miège: *É, portanto, em torno dessas importantes orientações que as ciências da informação e da comunicação terão de se organizar -e, talvez, de se reunir - no futuro imediato*⁴¹.

O programa de Miège é, na fase de construção paradigmática em que a C.I. se acha actualmente, o mais estimulante, embora não possamos ignorar a perspectiva mais plural e elástica de Dominique Wolton, expressa numa entrevista inserida em *La Communication: état des savoirs*⁴². Aí defende, claramente, que o domínio da comunicação não pode, nem deve ser uma ciência unificada, considerando-o um domínio pluridisciplinar que compreende três grandes sectores — as Neurociências, as Ciências Cognitivas e as Ciências Sociais — e uma dezena de disciplinas: Filosofia, Antropologia, Sociologia, Geografia, História, Direito, Ciências Políticas, Psicologia, Linguística e Psicossociologia, tendo cada uma a sua própria problemática. E a esta diversidade de disciplinas

⁴¹ Ibidem, p. 125.

⁴² CABIN, Philippe (coord.) — *La Communication: état des savoirs*. Auxerre: Sciences Humaines Éditions, 1998. ISBN 2-912601-03-7. p. 49-54.

corresponde, segundo ele, uma grande diversidade de objectos de análise.

Wolton adoptou uma perspectiva ampla para melhor agarrar a complexidade e a heterogeneidade do campo, mas corre o risco de se perder num horizonte sem fronteiras mínimas. Entendemos, por isso, mais verosímil e operacional partir de uma interdisciplina com contornos mais precisos, consubstanciada num núcleo duro de Ciências da Comunicação, capaz de desenvolver enquanto tal fecundas relações multidisciplinares, no sentido que retiramos do estudo monográfico de Olga Pombo.

Perfila-se, assim, a possibilidade de se rever e aprofundar, através de pesquisas, reflexões e debates em comum, um programa epistemológico de trabalho interdisciplinar para o qual a C.I. — aquela em que estamos empenhados em construir e desenvolver — tem muito a dar e do qual tem imenso a receber.